

O GORDO

José Almino de Alencar

Ria com uma bonomia que a gordura ilustrava e uma afabilidade que a boa educação lhe transmitira. Tinha a mania de concordar com o que lhe fosse dito e continuar no mesmo assunto e tom. Nisto era sincero. Sempre lhe atribuí uma profunda vontade de mandar, intuição confirmada quando o vi devorar uma taça enorme de sorvete. Falava rapidinho, entre lambidas, procurando guardar a iniciativa na discussão. Expunha a teoria de que o problema da tomada do poder deveria ser resolvido com a criação de dois grupos revolucionários distintos, sem comunicação entre si: enquanto o primeiro se encarregaria de conscientizar as massas, o segundo eliminaria — e nesse momento ele fazia um gesto de mão cortando o ar na horizontal — os inimigos políticos e pessoas poderosas ou influentes da direita. Como o sabia medroso, de uma covardia quase caricata, uma indisposição física para tudo — moleza que no colégio interno provocaria raivas adoidadas e surras violentas —, veio-me, naquele momento, essa mesma irritação infantil agora transvestida de superioridade moral.

Em parte era isso o que me fazia falar com o gordo, ao sair do trabalho ou durante a tarde, em longas conversas telefônicas, quando o dia se arrastava forçando-me a uma melancolia cuja origem mergulhava em passado longínquo e quase conhecido. Eu gostava de pensar que a vontade dessa presença, a repetição das minhas visitas e das nossas conversas, era o efeito deliberado de conhecer o que eu considerava uma alegoria monstruosa, exemplar da minha geração. E a simples menção dessa palavra invocava toda sorte de autocomplacência, sentimentalismo eivado de ingenuidade aristocrática, da

convicção supersticiosa de participar de uma entidade coletiva, firmada na história, prenhe de sentido. Daí, talvez, seu poder encantatório, que acrescentado à força do possessivo e em discussões ou na memória — a "minha geração, a nossa geração" — vai nos transmitindo uma espécie de consolo e de pena de nós mesmos.

No entanto, essa sensação de reconhecimento, que eu pressentia ser mútua, vinha imbuída de algo mais vago, um desgosto, nas suas várias conotações, de ausência de gosto, de pesar e mágoa, nojo e aversão. Morreu de desgosto, ouvia dizer quando menino, mal secreto que agarra a vida para baixo, e tanto podia ser depressão envolvente ou dor delimitada por perda irreparável. Indo da Cinelândia para São Cristóvão fora assaltado por esse mesmo sentimento, transmitido por aquela parte da arquitetura do Rio que já nascera acanhada, ruína moderna e mesquinha.

Havia também a inércia do passado que me fazia voltar aos mesmos lugares ou pessoas. Tantos esforços ficaram presos a esperanças desconexas. Agora tornara-se claro que o futuro não se organizara em torno de nós. Tudo haveria sido, tão-somente, pedaços esgarçados, o esvair da vida sem finalidade ou sequer destino. E ainda o correr da lembrança poderia ser melação alegre, claro, doce alfenim.

Enfim, conversávamos. Conversar tinha se tornado um exercício intelectualmente quase inútil, simples hábito que dissimulava uma ansiedade constante. Como uma adolescência suspensa, o desterro era um lugar de possibilidades infinitas onde o tempo não contava no seu repetido avanço. A morte de H. nos revelara uma vulnerabilidade nunca sentida. Esse acontecimento, que normalmente incitaria à perplexidade, era tratado pelo gordo com uma espécie de indiferença doutrinária. A incapacidade de se espantar diante do desconhecido, que em outro poderia ser um sinal de estreiteza intelectual, adquiria nele qualidade estoíca, de lucidez radical.

Encerrados os comentários sobre H., o gordo abaixou-se, pôs as galochas de borracha. Economia de botas de inverno, o conforto de andar com os sapatos leves no trabalho. Sentimento desagradável de que naquele ofegar tão pesado, nos cálculos sóbrios e nos erros tão inteligentemente cometidos, havia como uma imagem antecipada de mim mesmo. (Fragmento)